

APRECIÇÃO DE ARTES NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COMO POSSIBILIDADE PARA INTEGRAÇÃO AO ENSINO DE CIÊNCIAS

Arts appreciation in youth and adult education as a possibility for integration to science teaching

Cristiane Cordeiro Vasques [cristianecvasques@gmail.com]

Jorge Cardoso Messeder [jorge.messeder@ifrj.edu.br]

Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ)

Rua Cel. Délio Menezes Porto, 1045, Centro, Nilópolis - RJ, CEP. 26530-060.

Recebido em: 02/03/2021

Aceito em: 19/08/2021

Resumo

O objetivo deste estudo foi investigar se o ensino de ciências, através da inserção de questões sociocientíficas, pode contribuir para o desenvolvimento da cidadania dos alunos jovens-adultos-idosos-trabalhadores. Apresenta-se um recorte de atividades que possibilitaram a apreciação artística, visual e auditiva de uma classe de alfabetização da Educação de Jovens e Adultos (EJA), em uma escola municipal do Rio de Janeiro. A pesquisa se caracteriza como sendo de caráter qualitativo e participante, com encontros nos quais os alunos participaram de diferentes experiências estéticas. O ensino de ciências ao abordar as questões sociocientíficas e discutir a relação entre ciências e artes possibilita uma conexão em favor da aprendizagem. As conclusões deste estudo evidenciam um percurso de aprendizagem marcado pela interação, dialogicidade e emoção, e que as questões sociocientíficas potencializam a reflexão sobre o conhecimento cotidiano na busca de novas formas de compreender e atuar.

Palavras-chaves: Educação de Jovens e Adultos; Questões Sociocientíficas; Apreciação e Produção Artística.

Abstract

The aim of this study was to investigate whether Science Teaching, through the inclusion of socio-scientific issues, can contribute to the development of citizenship of young-adult-working students. A selection of activities that enabled the artistic, visual and auditory appreciation of a literacy class in Youth and Adult Education in a municipal school in Rio de Janeiro is presented. The research is characterized by being qualitative and participatory, with meetings in which students participated in different aesthetic experiences. Science teaching addressing socio-scientific issues and discussing the relationship between science and the arts provides a connection for learning. The conclusions of this study show a learning path marked by interaction, dialogicity and emotion, and that socio-scientific issues boosted reflection on everyday knowledge in the search for new ways of understanding and acting.

Keywords: Young and Adults Education; Socio-Scientific Issues; Appreciation and Production Artistic.

Introdução

As discussões trazidas neste artigo integram uma pesquisa maior, realizada em uma classe de alfabetização da Educação de Jovens e Adultos (EJA), desenvolvida em um trabalho de mestrado profissional no Instituto Federal do Rio de Janeiro – IFRJ (VASQUES, 2020). A partir de um recorte, trazemos o texto a seguir, cujo objetivo norteador foi identificar se o ensino de ciências através da inserção de questões sociocientíficas (QSC) poderia contribuir para o desenvolvimento da cidadania dos alunos jovens e adultos trabalhadores, e associar o viés das artes como elemento articulador, promovendo o envolvimento efetivo dos alunos.

As QSC oferecem para o ensino de ciências um olhar diferenciado, ou melhor, ampliado, para o que se considera conteúdo escolar em ciências. Elas criam a possibilidade de ressignificar o conhecimento do ponto de vista social, ético, cultural, político e ideológico, numa perspectiva crítica, dialógica e emancipatória, coerente com o que nos traz Paulo Freire ao qualificar o ensino de jovens e adultos trabalhadores (FREIRE, 2017). Com muita objetividade, Pérez (2012) afirma que “as QSC incluem discussões, controvérsias ou temas diretamente relacionados aos conhecimentos científicos e/ou tecnológicos que possuem um grande impacto na sociedade” (p, 58). Desta forma, trazem um grande contributo para o desenvolvimento da alfabetização científica e a formação da cidadania dos alunos das classes de EJA. De acordo com Oliveira e Messeder (2018, p. 52), na valorização da visão humanística no ensino, ouvir o que os estudantes estabelecem sobre QSC, “deve ser o eixo balizador da atividade docente que se preze preocupada com a formação para a cidadania”.

No estudo realizado, na pesquisa aqui apresentada, foi possível associar o ensino de ciências através de QSC, com o viés das artes como elemento articulador, promovendo o envolvimento efetivo dos alunos. E como conseguir o interesse dos alunos? Como realizar na prática uma perspectiva de trabalho integrador que envolva ciência e arte? “Se deve entender o esforço de fomentar e promover a interdisciplinaridade ciência/arte no ensino de ciências [...] talvez porque lhes proporciona um novo tipo de envolvimento intelectual e uma nova relação com o conhecimento” (CARVALHO, 2012, p. 20). Em Cachapuz (2020, p. 1), uma afirmativa reforça este entendimento: “um modo possível de nos tornarmos mais humanos é através de uma visão dialógica entre a Arte e Ciência em contraponto com a visão segmentada e hierárquica do conhecimento.”.

Assim, no aprofundamento da pesquisa, e na elaboração de propostas relevantes para a aplicação com a EJA, pavimentamos a construção de um caminho pedagógico através das vivências artísticas que favoreceram a articulação entre diferentes campos do saber para além dos conteúdos disciplinares, possibilitando também a reflexão sobre atitudes e valores. Na realização deste trabalho foram utilizados estudos de diversos autores que trazem contribuições sobre a abordagem do ensino de artes como dispositivo de proposições interdisciplinares na aquisição do conhecimento científico.

A inserção das artes como ferramenta para a reelaboração de saberes e facilitadora nos processos de interação humana, torna-se extremamente relevante, e porque não dizer, indispensável ao trabalho realizado com a EJA. Esta área do conhecimento pode promover a participação ativa do aluno, o desenvolvimento da autoestima e do conceito estético, e o senso crítico. Além disso, o universo das artes tem profunda afinidade com o conhecimento científico. Uma prova desta inter-relação ciência e arte encontra-se nos trabalhos de Leonardo da Vinci que transita no tempo desde o período do Renascimento¹. Leonardo da Vinci (Anchiano, 15 de abril de 1452 - Amboise, 2 de maio

¹ Renascimento – movimento cultural que teve início na Itália, no período compreendido entre o fim do século XIV ao início do século XVII. Fonte: Dicionário de História.

Disponível em: <https://www.sohistoria.com.br/dicionario/palavra.php?id=117>. Último acesso em: 10 jan. 2021.

de 1519) utilizou seus conhecimentos de fisiologia e anatomia para produzir imagens impressionantes, buscando a perfeição na reprodução de corpos humanos, demonstrando que suas obras passavam pela fase de estudos e pesquisas dos conhecimentos científicos, e que estes contribuía com sua arte.

Na defesa por práticas pedagógicas que perpassem e ultrapassem as fronteiras dos diferentes campos disciplinares, observamos uma indicação de Praia (2012, p.67): “só abordagens pluri, inter e transdisciplinares proporcionarão olhares mais abrangentes e uma investigação mais fidedigna e mais consoante com as características de uma EC (Educação em Ciência)”. Em Cachapuz (2012), outra assertiva aborda a possibilidade de despertar nos jovens uma relação mais humanizada e contextualizada com o conhecimento, estabelecendo pontes com os campos do saber:

Um possível caminho para fomentar e entusiasmar os jovens para o estudo das ciências é ajuda-los a reinventar outra relação com o conhecimento, explorando e aprofundando a interdisciplinaridade de forma a estabelecer pontes entre diferentes áreas do conhecimento. O diálogo entre as ciências e as artes no ensino das ciências é um exemplo possível. É também uma forma de nos tornarmos mais humanos (CACHAPUZ, 2012, p. 23).

Ciências e Artes são áreas do conhecimento que despertam a sensibilidade, a curiosidade e a imaginação. Ambas mobilizam aspectos inerentes à natureza humana, como a cognição e o prazer da descoberta/criação. Pietrocola (2016), discorrendo sobre curiosidade e imaginação nas Ciências e nas Artes, afirma que “as artes são capazes de nos sensibilizar de maneira permanente”. Outro argumento que aproxima ciência e arte, segundo este autor, é que “existem inúmeras formas de conhecer. A ciência é aquela que melhor explora o poder da razão” e a arte tem o “poder de iluminar o intelecto humano” (p.123). O autor aborda a transcendência da realidade a partir das vivências pessoais destacando que cientistas e artistas, na busca pela alma de suas descobertas/criações, vão além dos sentidos, e ambos experimentam o prazer ao exercitar a imaginação, a criatividade e a concretude de suas ações.

Ribeiro (apud, LIMA, 2004, p. 103) afirma que “a criatividade, ou seja, a nossa capacidade de encontrar soluções novas para os problemas está subordinada, em razão direta, às nossas possibilidades de estabelecermos conexões plurais e dialéticas com o meio em que estamos”. Assim, entendemos que o desenvolvimento da criatividade pressupõe o exercício criativo e uma prática desafiadora, num processo educativo, contínuo e dialógico, de interações e interpretações do próprio cotidiano, de tal forma que os conhecimentos artísticos e científicos possam ser tratados como produtos da cultura que demandam processos cognitivos ativos para sua compreensão.

Buscando dialogar com autores distintos, observamos em Arroyo (2017) um olhar sobre a arte na Educação de Jovens e Adultos como parte do processo de educação, que precisa devolver aos alunos a humanidade que lhes fora roubada. O autor defende um trabalho que promova o diálogo entre os saberes e as linguagens, e a riqueza das diversidades de experiências humanas.

As escolas e até a EJA abrem-se para incorporar a força pedagógica das artes. Reconhecem que as artes são formas de pensamento sobre o real, a sociedade, o humano-inumano. Incorporar as artes no direito ao conhecimento enriquece o direito ao conhecimento. As artes, em sua diversidade, têm sido sensíveis a dimensões do humano-inumano que os jovens e os adultos vivenciam desde crianças e adolescentes e levam para a EJA e para as escolas. Além das letras e músicas, coletivos de educadores e educandos trazem outras artes – a literatura, a pintura, o cinema, a fotografia, o artesanato, o patrimônio cultural – como pedagogias reveladoras do viver, do sobreviver, do resistir, e do libertar-se dos jovens e adultos, das crianças e adolescentes, de seus coletivos e dos coletivos de docentes-educadores/as. [...]. Com que revelam o humano e se revelam humanos. (ARROYO, 2017, p.18).

As QSC, com a inserção das linguagens artísticas podem constituir, então, ferramentas potenciais para a promoção da aprendizagem dos alunos. E o processo de ensino que considerar como relevantes suas experiências de vida deve estabelecer a relação de aproximação e mediação entre o senso comum e o conhecimento formal, deve questionar-se sobre quais saberes científicos em diálogo com os saberes dos grupos sociais podem alterar a vida cotidiana (ARROYO, 2017). Desta forma, atribuem maior significado para o cidadão que passa a agregar conhecimentos que lhes serão úteis em suas decisões pessoais e sociais, e concretizar sua participação cidadã.

E finalmente, um foco nos documentos norteadores. O documento Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997) sustenta a conexão ciência e arte na construção do percurso da história humana.

Na verdade, nunca foi possível existir ciência sem imaginação, nem arte sem conhecimento. Tanto uma como a outra são ações criadoras na construção do devir humano. O próprio conceito de verdade científica cria mobilidade, torna-se verdade provisória, o que muito aproxima estruturalmente os produtos da ciência e da arte (BRASIL, 1997, p.34).

O referido documento, antecipando as demandas do século XXI, já sinalizava a preocupação com a dicotomia entre ciência e arte, muitas vezes marcadas nos currículos da educação básica e nas práticas escolares.

Esta discussão interessa particularmente ao campo da educação, que manifesta uma necessidade urgente de formular novos paradigmas que evitem a oposição entre arte e ciência, para fazer frente às transformações políticas, sociais e tecnocientíficas que anunciam o ser humano do século XXI. Apenas um ensino criador, que favoreça a integração entre a aprendizagem racional e estética dos alunos, poderá contribuir para o exercício conjunto complementar da razão e do sonho, no qual conhecer é também maravilhar-se, divertir-se, brincar com o desconhecido, arriscar hipóteses ousadas, trabalhar duro, esforçar-se e alegrar-se com descobertas (BRASIL, 1997, p. 35).

As Orientações Curriculares para a EJA (BRASIL, 2010) trazem afirmativas constituintes de uma opção de trabalho que construa pontes disciplinares a partir da arte, potencializando o processo de aprendizagem através da ressignificação de olhares e conceitos.

Arte propicia um modo novo de compreender o mundo contemporâneo, de com ele se relacionar e nele se inserir, ela estabelece uma nova ordem no contato com o mundo cultural, um novo olhar que pode ressignificar conceitos e práticas (Brasil, 2010, p.136). [...]. A inclusão nas aulas de Arte, de conteúdos que dizem respeito a ética, pluralidade cultural, meio ambiente, orientação sexual, saúde, trabalho e consumo amplia o rol de conteúdos específicos da área de conhecimento, relacionando-a a questões de cunho social, político e cultural que não podem ser deixadas de lado na educação do aluno da EJA. (BRASIL, 2010, p.180).

As Orientações Curriculares para a EJA (BRASIL, 2010) também apontam objetivos para o ensino de artes, dos quais destacamos alguns, que possam sustentar uma prática favorecedora de ações que despertem a singularidade do indivíduo e sua identidade cultural. Ações estas que, segundo Alvares (2010), possam “ajudar a descondicionar uma visão de mundo massificada”.

Compreender e utilizar a arte como linguagem, mantendo uma atitude de busca pessoal e/ou coletiva, articulando a percepção, a imaginação, a emoção, a investigação, a sensibilidade e a reflexão ao realizar e fruir produções artísticas.

Construir uma relação de autoconfiança com a produção artística pessoal e o conhecimento estético, respeitando a própria produção e a dos colegas, sabendo receber e elaborar críticas. Identificar, relacionar e compreender a arte como fato histórico contextualizado nas diversas culturas, conhecendo, respeitando e podendo observar as produções presentes no entorno, assim como as demais do patrimônio cultural e do universo cultural e natural, identificando a existência de diferenças nos padrões artísticos e estéticos de diferentes grupos.

Observar as relações entre a arte e a leitura da realidade, refletindo, investigando, indagando, com interesse e curiosidade, exercitando a discussão, a sensibilidade, argumentando e apreciando arte de modo sensível.

Identificar, investigar e organizar informações sobre a arte, reconhecendo e compreendendo a variedade dos produtos artísticos e concepções estéticas presentes na história das diferentes culturas e etnias (BRASIL, 2010, p.137).

Esses objetivos carregam em si a relevância do ensino de artes como canal de expressão e comunicação de ideias, sentimentos e emoções, desenvolvendo a imaginação, a criatividade e a percepção do mundo. É a compreensão da arte como uma linguagem que pode contribuir para o desenvolvimento de sua própria expressão, organização de ideias, oralidade e capacidade de argumentação. Esses atributos ampliam a percepção da realidade permitindo ao aluno ressignificá-la, a partir das diferenciadas leituras indicadas pelos professores. Utuari et al. (2014) colaboram com este entendimento afirmando que

A arte é linguagem, conhecimento e percepção de um mundo culturalmente vivido. É o sentir, o pensar, o dizer sobre as coisas. É a construção de discursos em muitas linguagens. Ensinar arte é abrir caminhos para aprender a interpretar o mundo. Na construção de interpretações o aprendiz descobre possibilidades de expressão e pode experimentá-las (UTUARI et al., 2014, p.292).

Conforme exposto, e apoiado em diferentes autores, a perspectiva epistemológica preconizada por este estudo visa promover uma articulação produtiva entre os processos criativos e o conhecimento científico, investindo assim na ampliação dos saberes culturais dos alunos. O público da EJA traz para o universo da sala de aula as histórias de seu percurso de vida, seus conhecimentos e valores, que compartilhados, serão enriquecidos e expandidos favorecendo a construção de novos saberes. Uma experiência artística com a EJA, realizado por Alvares (2010) revalida esta questão ao estabelecer critérios para uma seleção de conteúdos na Educação Estética de jovens e adultos.

Que os temas selecionados estabeleçam relações com aspectos da vida vivida: em que medida sua aprendizagem leva o sujeito a construir significações que se ancorem no cotidiano, em suas vivências pessoais?

Que os temas selecionados facilitem o desenvolvimento de habilidades metacognitivas²: em que medida sua aprendizagem leva o sujeito a descolar seu pensamento do “senso comum”, de suas experiências particulares, e a construir um pensamento mais abstrato e prospectivo, a estabelecer relações conceituais mais generalizadas, a formular concepções universais?

Que o aprendizado possibilite experiências estéticas: como os temas selecionados favorecem um processo de ensino e aprendizagem que desencadeie experiências estéticas no sujeito, provoque encantamento, mobilize emoções e sentimentos, desperte lembranças, ative a imaginação, estimule uma visão sensível e receptiva, fomente um olhar curioso e reflexivo, de recriação do mundo, de reconstrução de ideias e valores? (ALVARES, 2010, p. 61).

Os conteúdos apresentados por Alvares (2010) confirmam a conexão das experiências estéticas com QSC, trazendo ao aluno da EJA a possibilidade de tecer significação com seu universo cotidiano e para além dele, instigando-o ao exercício criativo onde desperte o desejo de romper com as fronteiras costumeiras do conhecimento. Para os autores, o efeito da arte é sempre social à medida que atua no plano da imaginação e da sensibilidade, e reflete os sentimentos e a cultura de um grupo em seu ambiente e seu tempo histórico. Pode-se dizer que sua defesa pelo ensino da arte e pelas vivências estéticas se traduz nesta afirmativa: “Quando o homem conhece arte, ele conhece sua história. Quando ele produz arte, inaugura um conhecimento próprio, original,

² A metacognição segundo Ribeiro (2003, p.110) diz respeito, entre outras coisas, ao conhecimento do próprio conhecimento, à avaliação, à regulação e à organização dos processos cognitivos. Segundo Jou e Sperb (2006), a compreensão que as pessoas têm de seu próprio processamento cognitivo é denominada pela psicologia cognitiva de metacognição. Este campo de estudo começou a despontar nos anos 70 e intensificou-se nos anos 80 e 90.

genuíno” (ALVARES, 2010, p.31). Com esta compreensão foram realizadas experiências de apreciação artística em uma classe de EJA, como veremos a seguir.

Desenvolvimento do estudo

No ano letivo de 2019, em uma classe de alfabetização de alunos da Educação de Jovens e Adultos, de uma escola municipal do Rio de Janeiro, foram realizadas propostas que tiveram o propósito de informar, sensibilizar, estimular e aproximar o aluno do universo da arte. O estudo de cunho qualitativo, pautado na pesquisa participante (BRANDÃO, 1987), buscou a atuação efetiva dos alunos, estimulando-os a reflexão e o compartilhamento de percepções e emoções a partir das experiências estéticas. A classe composta por 20 alunos, de 17 a 70 anos, vivenciou atividades variadas que lhes permitiram conhecer a arte enquanto produção humana e cultural, assim como a ciência.

As atividades apresentadas encontram suporte em uma proposta metodológica desenvolvida para o ensino de artes no final da década de 1980, pela professora Ana Mae Barbosa. A proposta denominada Proposta Triangular pauta-se em três princípios: o fazer artístico, a leitura da obra de arte e a contextualização (SME-RJ, 2007).

O fazer artístico está relacionado ao processo de criação e de experimentação das diferentes linguagens artísticas, suas especificidades, técnicas e ferramentas, que possibilitam uma busca de expressão e de comunicação pessoal;

A leitura da obra de arte possibilita o relacionamento entre os elementos que constituem a obra, a sua materialidade, o seu conteúdo, a sua natureza, seus procedimentos técnicos. É nesse momento que o aluno do PEJA se conecta com o mundo ao seu redor, desenvolve o seu potencial de descoberta do ver, do ouvir, do se mover e da apreciação estética, buscando valorizar as contribuições multiculturais do mundo contemporâneo;

A contextualização consiste na relação entre os diversos saberes estéticos e culturais, nas diferentes épocas, locais e costumes da história humana; no conhecer e pesquisar o processo de criação de artistas famosos ou não, dentro e fora dos espaços de divulgação artística. Essa contextualização possibilita, ainda, a conexão entre as diferentes áreas do conhecimento como a História, a Ciência, a Matemática, dentre outras (SME-RJ, 2007, p. 16).

Esta proposta contribui para a ampliação das percepções na leitura imagética, e na decodificação do mundo através dos sentidos. É a possibilidade de estabelecer um diálogo do mundo real com o mundo sensível, desenvolvendo a sensibilidade e a compreensão de outras formas de expressão.

Neste estudo, realizamos a conexão entre as ciências e as artes buscando estimular a expressão criativa dos alunos com propostas de observação de gravuras e imagens de obras de arte; pinturas, releituras, desenhos; e exploração de algumas mídias como filmes, vídeos e áudios. O uso de mídias que favoreçam o acesso às produções artísticas e a linguagem televisiva, de filmes ou vídeos, pode impulsionar uma análise crítica da realidade e do contexto histórico e social, assim como exercitar o pensamento simbólico e artístico (TRIVELATO et al., 2017).

Para melhor acompanhar, observar e analisar os resultados apresentados pelos alunos, as atividades foram registradas como encontros sequenciais, aqui denominados encontros com a arte. Alguns diálogos entre a professora e os alunos foram transcritos para melhor percepção do processo participativo e consequente análise das abordagens e resultados apresentados. Nestes diálogos a professora/pesquisadora está identificada pela letra P e os alunos por A1, A2, A3 e assim sucessivamente.

Encontro I: Arte visual - Sensibilização

Os alunos assistiram o documentário Lixo Extraordinário (2010)³ e realizaram uma profícua discussão após o filme, analisando a produção artística dos catadores de resíduos sólidos incentivados pelo artista plástico Vitor Muniz. Este documentário apresenta a vida de catadores que lutam pela implantação de um centro de coleta seletiva para captação, seleção e destinação de todo material que possa ser reciclado, gerando renda, empregabilidade e sustentabilidade. Houve discussões de como o meio ambiente demanda responsabilidade de caráter coletivo pela sustentabilidade local e global, e como as análises realizadas a partir destas temáticas podem contribuir para a formação da cidadania ambiental, ao permear as discussões sobre justiça socioambiental, desigualdades sociais, consumo desenfreado e risco ambiental para grupos sociais mais vulneráveis economicamente. Na discussão foi destacada a mudança de vida de alguns destes indivíduos após participar do projeto de produção artística. Conforme podemos observar nas falas a seguir:

P – Mas o que causou a mudança na vida daquelas pessoas?

A15 – Depois de participar daquilo tudo alguns começaram a querer uma vida diferente.

P – Aquilo tudo, o quê?

A15 – Sei lá. Acho que o negócio da arte fez as pessoas perceberem que a vida não era só aquilo que eles tinham ali. Alguns não trabalhavam só, mas moravam ali, viviam aquilo o tempo todo.

A17 – Com aquele cara que fazia os quadros eles visitaram outros lugares, conheceram um museu, viram suas fotos serem valorizadas, todo mundo elogiava, achava bonito... isso muda o jeito de olhar pra vida.

P – Então a gente pode dizer que a arte ajudou a transformar a vida deles?

A5 – Com certeza. Mas não foi porque eles viraram artistas, foi porque eles aprenderam um monte de coisas que não sabiam e conheceram coisas que nunca tinham visto.

P – Então podemos dizer que o conhecimento e o acesso à arte podem impulsionar os sonhos, os bons sentimentos, podem transformar o jeito de perceber a vida?

A8 – Eu acho que sim. Mas arte não é coisa pra pobre. Eles lá do filme tiveram a sorte de conhecer aquele cara que era artista e se interessou pelas coisas naquele lugar.

A3 – Também acho que esse negócio de artes não é pra qualquer um. Eu mesmo não sei desenhar nada.

P – Mas o que é arte?

A11 – Arte é desenhar bem, cantar, pintar... sei lá. É fazer alguma coisa melhor do que os outros.

P – Então todos nós podemos fazer arte. Cada um de nós tem uma habilidade mais apurada em algum aspecto, não é mesmo? Uns tem uma habilidade especial para cozinhar, outros para escrever, outros para cantar, representar... A arte é um jeito especial de expressar alguma coisa, ou algum sentimento. Cada artista se expressa com um estilo diferente, ou melhor, de uma forma diferente. As músicas, por exemplo, são todas do mesmo ritmo?

A3 – Tem cada coisa por aí que dizem que é arte, mas eu não concordo.

P – Arte é uma linguagem. É uma atividade humana que serve para comunicar alguma ideia ou sentimento, e está relacionada à época e à cultura vivenciada pelo artista. Em nosso cotidiano nós temos contato com a arte?

A12 – Eu não tenho. Não saio de casa pra nada, só para vir à escola.

P – E onde podemos ter contato com a arte?

A14 – Em cinema, show...

P – Mas vocês não escutam programas de rádio, não assistem televisão? As artes e as obras artísticas podem ser também acessadas pelas tecnologias, até mesmo pela internet. Tem também outros espaços como os museus, o teatro, o cinema.

P – Que tipo de arte conhecemos?

A6 – Cinema e teatro.

A9 – Música também.

P – E o que mais?

A3 – Na televisão tem os artistas da novela.

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=61eudaWpWb8>. Último acesso em: 10 ago. 2020.

P – Tem outras manifestações artísticas como as pinturas, as esculturas, a literatura. As artes ajudam a conhecer a cultura e a vida de uma sociedade, ou de um grupo, expressam as características de uma época. E ela pode ser sonora (música), de interpretação (cinema, teatro, literatura), visual (pinturas, esculturas). E para que serve aprender sobre arte?

A2 – Sei lá!

A13 – Para entender como as pessoas viviam?

A20 – Pra gente não ser ignorante.

Após essa conversa, a professora disponibilizou aos alunos algumas informações sobre a história da ciência e a contribuição de alguns artistas através de suas habilidades (desenhos, esquemas, representações etc.), auxiliando no desenvolvimento da ciência e na ampliação de suas descobertas.

A partir desses diálogos, a professora buscou apresentar diferentes possibilidades aos alunos. No primeiro encontro apresentou duas gravuras (figura 01) de telas do pintor francês Paul Cézanne (1839-1906) para observação.



Figura 01 – Telas de Cézanne. Natureza morta (esquerda) e Vista Panorâmica de Auvers (direita).
Fonte: acervo próprio.

A professora solicitou aos alunos que olhassem atentamente os detalhes das imagens (as cores, o local, a iluminação), e que imaginassem o que o artista estaria sentindo ou pensando, o que ele gostaria de transmitir com aquelas imagens. Após ouvirem sobre a história do artista (a época e o local em que viveu, o estilo de pintar etc.), os alunos foram convidados a experimentar o ato de pintar a partir do que observaram nas telas, utilizando pranchas de isopor, pincel e tintas de cores variadas. A atividade trouxe grande satisfação aos alunos.

Encontro II: Tarsila do Amaral e as representações do povo brasileiro

Para o segundo encontro foram apresentados quadros com gravuras da pintora brasileira Tarsila do Amaral (1886-1973), para que os alunos apreciassem (figura 02).

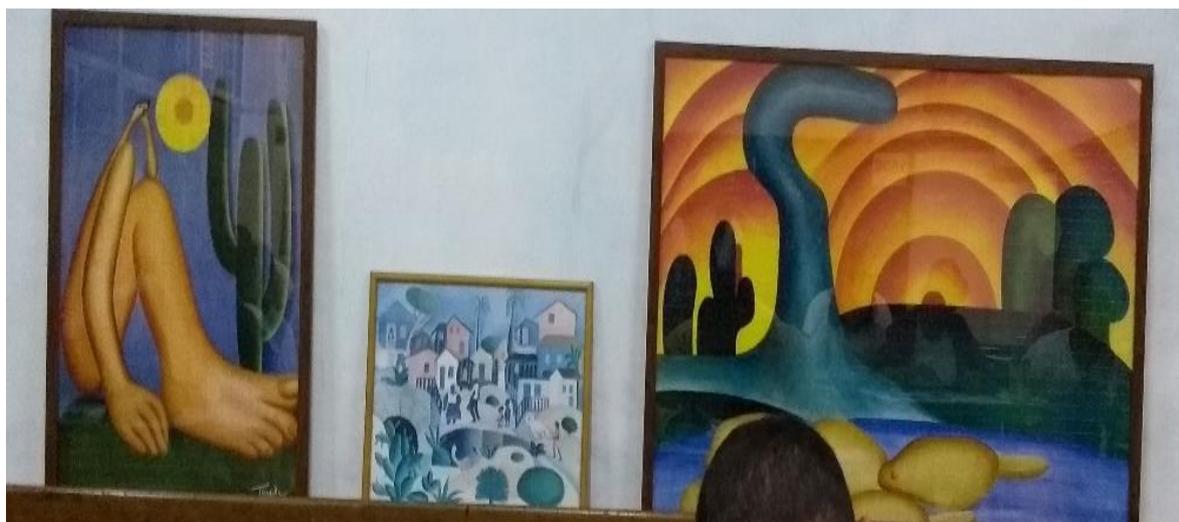


Figura 02 – Telas de Tarsila do Amaral. Abaporu (esquerda), Morro da Favela (centro) e Sol Nascente (direita).

Fonte: acervo próprio.

Na observação dos quadros, as cores fortes chamaram a atenção dos alunos:

A12 – Ela gostava de usar cores fortes.

A5 – São muito bonitas essas figuras, mas são estranhas.

P – O que será que ela queria transmitir com essa imagem?

Uma breve biografia foi exibida em slides com imagens de diversas obras da autora. Foram evidenciadas as temáticas trazidas nas telas, e os alunos realizaram a leitura de um pequeno texto com informações sobre a artista. Observaram que várias de suas obras abordavam temas sociais como: Segunda classe (1933), Crianças no orfanato (1935) e Operários (1933), conforme apresentados na figura 03.



Figura 03 – Telas de Tarsila do Amaral. Segunda Classe (esquerda), Crianças no Orfanato (centro) e Operários (direita).

Fonte: arquivo da pesquisa.

Durante a observação dos quadros algumas questões foram suscitadas, conforme podemos verificar nas falas aqui registradas:

A20 – Aquela tela do orfanato é muito sofrida.

P – O que será que a artista quis expressar?

A17 – Devia ter muita criança abandonada.

P – E a tela Operários, o que acharam?

A12 – Os rostos todos estão tristes. Não tem ninguém com cara de satisfação.

A14 – Trabalhador sempre teve cara de sofrimento, deviam ser muito explorados.

P – Esta tela de 1933 retrata o período do crescimento industrial onde muitos trabalhadores eram empregados nas fábricas, mas não tinham direitos garantidos. A carga horária de trabalho era muito superior às 44 horas semanais que temos hoje, não havia direito a férias, décimo terceiro.... Esta tela é anterior a Lei de Consolidação das Leis Trabalhistas (1943).

A10 – E este é o medo que o povo tem hoje, de voltar esse tempo que trabalhador não tem direito a nada. Já não querem nem que a gente se aposente.

A8 – A gente já nem tem emprego direito. Quando arruma trabalho a maioria nem tem carteira assinada.

P – O que podemos perceber na tela Segunda Classe?

A13 – Parece até quando a minha família chegou aqui no Rio de Janeiro. Um monte de criança tudo com cara de fome.

A19 – Ela deve ter pensado nisso mesmo. Muita gente vinha pro Rio ou pra São Paulo pra tentar uma chance de trabalho e sustentar sua família. Aqueles que vinham sozinhos pra conseguir emprego às vezes nem conseguiam buscar a família depois.

P – Vejam como uma obra de arte pode contar um pouco sobre a história de seu tempo e despertar a reflexão e a conscientização de tantas questões. Isso é o que se chama arte, a possibilidade de despertar pensamentos, sentimentos, emoções...

As discussões a partir da observação da obra *Abaporu* foram permeadas por informações sobre a obra que trouxe a representatividade do trabalhador brasileiro da época, com grande valorização do trabalho braçal e desvalorização do trabalho intelectual. O sol e os cactos destacam a representação deste trabalhador em um ambiente rural, com dura rotina de atividade exposto ao sol forte. O desafio foi uma releitura da obra *Abaporu* utilizando lápis de cor, canetinhas e bolinhas de papel crepom (VASQUES, 2020, p. 121).

Araújo-Jorge (2004) destaca a compreensão do fazer e do desfrutar artísticos como processos cognitivos e defende “a proposta de que ciência e arte sejam reinseridas, em conjunto, no ensino, em todos os níveis, para a formação de cientistas e cidadãos” (p. 45). A autora analisa a conexão entre ciência e arte e observa que o ambiente e o fazer artístico influenciam a evolução do pensamento científico em um determinado contexto histórico e social, promovendo práticas interdisciplinares. E assevera que “arte e ciência são duas mãos na mesma via, e só tendem a complementar nossa capacidade de escrever e compreender a natureza” (ARAÚJO-JORGE, 2004, p. 46). Foi possível verificar o olhar crítico dos estudantes para as questões sociais evidenciadas em cada obra de arte apreciada.

Encontro III: Cândido Portinari e a representação do ambiente brasileiro

Foram disponibilizados dois quadros com gravuras das telas de Cândido Portinari (1903-1962), e slides com outras obras do artista para observação (figura 04).



Figura 04 – Telas de Portinari. Café – 1935 (esquerda), Fauna e Flora Brasileira - 1934 (direita).
Fonte: acervo próprio.

Mais uma vez os alunos foram convidados a observar os traços e expressões, as cores, a iluminação, etc. Com falas do tipo:

- A18 – Esta pintura mostra os negros na lavoura. Pode ver, a maioria são negros.
- A12 – Isso é do tempo da escravidão?
- A16 – Tem um branco ali na ponta.
- A18 – Esse branco devia ser o capataz.
- A20 – Essa pintura da floresta é cheia de detalhes bem pequenos. Se olhar direito dá pra ver alguns animais. Parece que a gente tá olhando de dentro da floresta para fora. Muito legal!

Após a observação, os alunos contaram com a mediação da professora para realizar a leitura de um pequeno texto sobre a história de Portinari, sendo incentivados a refletir sobre as temáticas apresentadas nas obras e pintar utilizando pranchas de isopor e tintas coloridas. Neste dia o comentário de uma aluna trouxe a percepção do processo de apropriação das informações a que estava tendo acesso.

- A8 – Passou na televisão sobre um museu em que estão os quadros daquela artista que pintamos outro dia. Eu mostrei pra minha filha o quadro que fizemos aqui. (Referindo-se a obra Abaporu que estava exposta no mural da sala).

Os primeiros encontros trouxeram aos alunos um sentimento de protagonismo e prazer. Aos poucos, foram acreditando que eram capazes de perceber, se expressar e pintar. Buscava-se despertar a satisfação no conhecer e realizar. Para o público da EJA a valorização do fazer estético pode fazer uma grande diferença em sua autoestima, como se estivessem saindo da condição de invisibilidade. Segundo Alvares (2010, p. 27), “na condição de oprimidos, esses homens e mulheres ocupam papéis de invisibilidade política na sociedade, posições subalternas que lhe suprimem a condição de protagonistas”. Desta forma, um trabalho pedagógico que os faça vislumbrar uma condição positiva de si mesmo pode potencializar processos de aprendizagem e de construção de novos conhecimentos. A autora corrobora afirmando que “a emoção estética leva a um maravilhamento do mundo, essencial à aprendizagem e a interação social na sala de aula” (ALVARES, 2010, p. 113).

Encontro IV: Claude Monet

A professora exibiu, em slides, informações sobre a vida de Claude Monet (1840-1926) e sobre algumas de suas obras. Após, oportunizou a leitura de um pequeno texto sobre o artista auxiliando os alunos como mediadora. Os alunos foram encorajados a relatar sobre as impressões e sentimentos que a imagem despertara. A seguir, cada aluno deveria inspirar-se nas telas de Monet, imaginar um jardim e retratá-lo em uma peça de cerâmica, utilizando canetas coloridas para retroprojeter (figura 05).



Figura 05 – Resultado final da atividade em cerâmica.

Fonte: arquivo da pesquisa.

A cada nova atividade, os alunos foram evidenciando maior satisfação com os resultados, e assim como o próprio processo do fazer artístico. A participação durante as aulas foi se tornando mais expressiva, conforme as falas:

A15 – Estou gostando muito de fazer essas coisas. Nem eu acreditava que podia fazer uma coisa tão bonita.

A12 – Eu falei para os meus filhos das aulas de artes. Eles estão curiosos para ver os trabalhos.

A6 – Parece que depois desses trabalhos o jeito de olhar pras coisas tá diferente. Lá da minha casa dá pra ver o morro cheio de árvores. Eu fico imaginando se os artistas que a gente conheceu se morassem por aqui, de que jeito iam pintar aquele morro.

A proposta relatada propõe um desenho de imaginação. Para Barbieri (2012), “o desenho de imaginação ativa a capacidade de inventar, e por não ter compromisso com o real, pode tornar-se um gostoso exercício para soltar o traço e, como o próprio nome diz, a imaginação” (p. 102). A autora explica o desenho como uma linguagem e uma forma de comunicação singular que pode expressar o que estamos pensando ou sentindo, e dar forma a uma ideia, percepção ou intuição. Segundo ela, os desenhos podem ser de memória, observação e imaginação.

A pesquisadora Araújo-Jorge (2014) declara que a linguagem da arte está relacionada à história do desenvolvimento da humanidade e afirma que ligada a todas as áreas de conhecimento e facilitadora para o trabalho interdisciplinar, a arte pode proporcionar a junção, a integração de transversalidade em todos os espaços de educação, sejam informais, sejam tradicionais, como os espaços escolares. [...] A arte pode se combinar com a ciência como parte de uma estratégia pedagógica explícita para educação científica da população. Atividades de ciências e arte

possibilitam o desenvolvimento de novas intuições e compreensões através da incorporação do processo artístico a outros processos investigativos. Ajudam a construir um discurso interno e público sobre a relação entre arte, ciência, atividades humanas e tópicos relacionados a atividades multidisciplinares e multiculturais. (ARAÚJO-JORGE, 2014).

Encontro V: A inclusão através da arte – Pintores com a boca e os pés

Na sequência das ações que visavam à aproximação dos alunos de diferentes manifestações artísticas e das possibilidades de experimentação, buscando despertar seus processos criativos, a professora apresentou um vídeo⁴ sobre a Associação dos Pintores com a Boca e os Pés. O material exibido contava a história da Associação e trazia alguns depoimentos de artistas. Ao final, os alunos apresentaram suas considerações conforme as falas a seguir:

A13 – Isso é muito bom de ver. Os caras não têm os braços e fazem tudo isso, a gente têm e acha que não pode fazer nada.

A17 – Eu nunca tinha ouvido falar sobre pessoas que conseguem pintar com o pé e a boca.

A20 – Aqui no Catiri tinha uma moça que não tem os dois braços, ela é casada, tem dois filhos, faz tudo em casa e na rua também. Tinha que ver ela no mercado fazendo compra.

P – Alguns desses artistas têm grandes limitações físicas e fazem suas pinturas mesmo vivendo em uma cama hospitalar. A deficiência física não os impede de pensar, sentir e desejar transmitir a outras pessoas suas emoções.

A10 – Quando a pessoa quer uma coisa não tem nada nem ninguém que impeça. Se ela se esforçar, ela consegue.

A20 – Só que não é bem assim. No caso desse pessoal que mostrou aí, muitos não teriam conseguido desenvolver o talento se não fosse encontrar a tal associação. Não basta querer e não ter acesso às coisas. Pelo menos a informação tem que chegar pra pessoa, e aí ela corre atrás.

P – Desse jeito a gente percebe como é importante que as pessoas acreditem em si mesmo, mas também se fortaleçam através das parcerias, da ação coletiva. A associação foi criada porque alguém sentiu a necessidade de reunir pessoas que certamente estavam na mesma situação. Ele percebeu que não era o único. E isso fez toda a diferença. Juntos podiam ir mais longe, tinham o talento, o desejo de realizar suas pinturas, mas faltavam recursos. A associação possibilitou a visibilidade dos trabalhos, a formação continuada dos artistas, o contato com outros artistas com e sem deficiência, a participação em eventos...

Para complementar, a professora apresentou em slides diversas telas e os respectivos artistas da Associação de Pintores com a Boca e os Pés. Os alunos ficaram maravilhados com a beleza das pinturas (figura 06).

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=y3TkzNQq3qA>. Último acesso em: 10 dez. 2020.



Figura 06 – A Natureza é Bela, por Jefferson L. Hoffman (esquerda) e Barco, por Igor Roberto Faria Jardim (direita).

Fonte: arquivo de pesquisa.

Os alunos destacaram as telas que retratavam as temáticas ambientais, o que favoreceu a ampliação das discussões sobre transformação do ambiente, paisagens rurais e urbanas, paisagens naturais etc. A professora propôs que organizassem uma lista de ambientes diferentes, e ela foi a escriba: praia, montanha, floresta, fazenda, sítio, mar, céu, jardim, rua, praça, campo, cachoeira, ilha, morro etc. Após a organização da lista cada aluno escolheu um ambiente para pintar utilizando pincel, tinta e prancha em isopor. Na sequência foram convidados a registrar, por escrito, seus pensamentos sobre o ambiente retratado na pintura, de acordo com o roteiro para nortear a escrita tinham as seguintes: *eu resolvi pintar um (uma); este lugar é especial porque tenho em minha memória.*

A atividade proporcionou aos alunos reverem suas pinturas e pensarem sobre o ambiente ilustrado, aqueles que representam o espaço natural e os que representam espaços modificados pela ação dos seres humanos, dando ênfase aos impactos ambientais. Nos dias subsequentes o registro de cada aluno foi analisado por toda a turma para a realização da reescrita coletiva.

No dia seguinte, a atividade proposta foi a observação de alguns produtos comercializados pela Associação dos Pintores com a Boca e os Pés, como calendários, marcadores de livro e cartões (figura 07).



Figura 07 – Materiais com imagens das obras dos pintores com a boca e os pés
Fonte: arquivo da pesquisa.

Cada aluno escolheu uma imagem para refletir a respeito. Foram feitos alguns questionamentos para motivar a reflexão: *Por que você escolheu esta imagem? Que sentimentos esta imagem desperta em você?* Após atenta observação dos detalhes da imagem, o aluno deveria organizar os pensamentos, escrever sobre a imagem escolhida e depois reproduzi-la (quadro 1). Todos que necessitaram, puderam contar com a mediação da professora para fazer os registros escritos.

<p>1. OBSERVE A GRAVURA QUE VOCÊ ESCOLHEU E ESCREVA TUDO O QUE VOCÊ VÊ:</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p>	<p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p>
<p>2. ESCREVA SOBRE O QUE ESTA IMAGEM TRANSMITE A VOCÊ.</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p>	
<p>3. AGORA TENHA TENTE REPRODUZÍ-LA:</p> <div style="border: 1px solid black; height: 100px; width: 100%;"></div>	

Quadro 1 – Roteiro para o registro da análise da imagem.
Fonte: arquivo da pesquisa.

A proposta mobilizou as habilidades cognitivas de escrita e de representação imagética, revelando maior percepção da imagem de origem, com um sensível desenvolvimento nos traços que se apresentaram mais expressivos em seus processos criativos e com maior diversidade de elementos gráficos (figuras 08 a 12). Alvares (2010, p. 29), assegura que “a arte produz uma forma peculiar de conhecimento, pois ela conta a história das transformações humanas”. A seguir, seguem algumas reproduções realizadas pelos alunos.

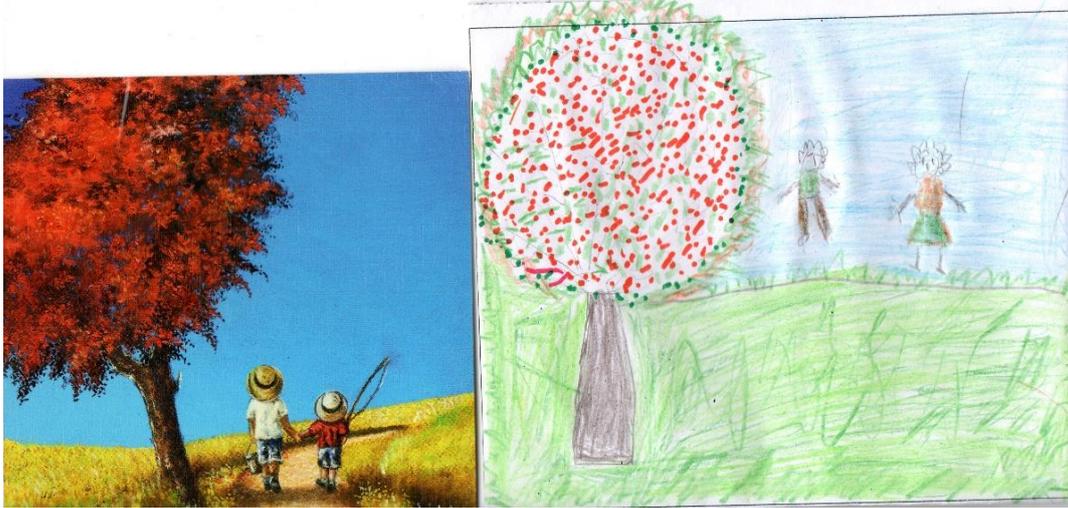


Figura 08 – Releitura da obra Parceiros de pesca de Carlos Fernando Ayala Moreno (Original pintado com a boca).
Fonte: Arquivo da pesquisa.



Figura 09 – Releitura da obra Caminho de Hyung-Jae Yim (Original pintado com a boca).
Fonte: Arquivo da pesquisa.



Figura 10 – Releitura da obra Papoulas de Arnaud Dubarre
(Original pintado com a boca)
Fonte: Arquivo da pesquisa.



Figura 11 – Releitura da obra Coelhos da Páscoa de Jan Sporek
(Original pintado com a boca)
Fonte: Arquivo da pesquisa.



Figura 12 – Releitura da obra Beija-flor de Marcelo Cunha
(Original pintado com a boca)
Fonte: Arquivo da pesquisa.

A proposta apresentada acima tem características de um desenho de observação, segundo Barbieri (2012).

Fazer um desenho de observação não é reproduzir o que está sendo observado, mas tornar visível o que os olhos selecionaram como importante no observado. Dessa forma, cada desenho é uma expressão pessoal. O exercício de desenho de observação possibilita que mostre como se vê os elementos e as relações entre eles, como se interpreta singularmente o que é observado (BARBIERI, 2012, p. 101).

Encontro VI: A arte sonora

Nesta etapa dos encontros com arte, iniciaram-se as atividades que estimulavam as percepções auditivas. A música Aquarela⁵ (1983) foi apresentada para audição, e os alunos deviam fechar os olhos para melhor concentrarem-se na letra e melodia. Após a primeira escuta, foram exibidas as imagens do vídeo da música. Os alunos conversaram sobre a mensagem trazida pela música e sobre as imagens que a representavam.

P – Quando vocês ouvirem a música de olhos fechados que imagens conseguiram imaginar? Foram as mesmas exibidas no vídeo? Os mesmos lugares? As mesmas representações?

A5 – Essa música é muito bonita. Eu já conhecia ela.

A9 – Essa música acalma, e faz a gente pensar em muitas coisas que desligam a nossa cabeça das coisas do dia a dia. Parece que a gente viajou.

Após, foi proposto que eles realizassem mais uma vez a escuta da música, e que fizessem desenhos em uma folha de papel das imagens que conseguissem ouvir/imaginar. Ao final, alguns alunos disseram que não conseguiram desenhar, que eram muitas figuras e acabaram não se

⁵ Composição de Toquinho (1983). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hhUmeN4IGr8>. Último acesso em: 10 dez. 2020.

concentrando. Outros relataram sobre algumas imagens. Apenas um dos alunos conseguiu desenhar quatro imagens, e foi o maior número registrado. Então, a professora propôs que virassem a folha e tentassem mais uma vez. Convidou a todos a concentrarem-se apenas no que ouviam da música. O resultado foi surpreendente. Nenhum aluno deixou de realizar. O número de imagens registradas cresceu significativamente. Alguns chegaram a registrar nove imagens.

A12 – Isso fez eu ficar mais atento. É estranho como a gente ouve, mas não escuta.

A8 – Eu pensei que não fosse conseguir nada.

A15 – A professora faz isso pra gente prestar mais atenção no que ouve.

Nesta proposta os alunos precisaram ativar seus registros de memória para reproduzir as figuras citadas na canção. Encontramos em Barbieri (2012) uma contribuição sobre este tipo de desenho.

Trabalhar o desenho de memória é uma forma de resgatar a cultura e a história de cada um. O desenho de memória ativa a nossa experiência estética; colocamos em nossos desenhos o que queremos evidenciar sobre os objetos ou personagens, procurando destacar os traços que julgamos mais importantes. O desenho de memória é uma forma de representação simbólica, não representa necessariamente o aspecto aparente, mas como cada um vê ou como interpreta o que vê (BARBIERI, 2012, p. 100).

Todos compartilharam as imagens e a professora fez uma lista de palavras com as imagens citadas. Após a listagem exposta na lousa os alunos realizaram a leitura de toda a lista. O desafio da noite foi escolher apenas uma das imagens da lista e representá-la utilizando pincel e tintas na prancha de isopor. Depois da pintura, os alunos receberam a letra da música para realização de atividades de leitura e escrita.

Essa proposta ofereceu a oportunidade de exercitar o ouvir, com uma escuta mais apurada e sensível: envolveu os sentidos, na intenção de despertar para a busca de maior significação do conhecimento que se disponibilizava a ser apreendido; promoveu o diálogo aluno-obra, aluno-compositor, aluno-aluno; provocou a sensibilidade e a imaginação através de um desafio possível de realizar – superar as próprias percepções e habilidades.

Ao comparar a letra da música com as palavras listadas, a professora chamou a atenção para alguns vocábulos que não faziam parte da música e que foram ilustrados/citados pelos alunos. Palavras como poste com lâmpada, passarinho, boca, foguete, entre outras. Ao serem questionados sobre a escolha dessas ilustrações e depois de apurada busca no texto, os alunos encontraram as palavras que deram origem as que foram citadas: luzes a piscar, gaivota, beijo azul, aeronave. Tal situação revela a iniciativa de solucionar a questão da representação com elementos de seu acervo gráfico e linguístico, evidenciando que sua escuta e atenção estavam mais sintonizadas no momento da atividade, demonstrando seu desejo de participar e superar as próprias limitações.

Com essa atividade, os alunos foram desafiados a pintarem uma determinada imagem, assim como foi feito no desenho na peça de cerâmica (4º encontro), e na pintura de um ambiente específico previamente escolhido (5º encontro), diferente dos primeiros encontros onde a expressão era livre. Dessa forma, foi possível observar que os registros gráficos apresentavam mais intencionalidade e expressividade.

Encontro VII: Ouvir, apreciar e pintar

Um vídeo com imagens e sons da natureza e um acompanhamento de uma flauta indígena⁶, foi exibido para a apreciação dos alunos. Após a audição da música os alunos conversaram sobre as sensações e sentimentos despertados pela melodia. A proposta foi pintar ouvindo a melodia com sons da natureza (figura 15).

P – Como foi ouvir esta música que não tem letra? Que sentimentos esta música despertou em vocês? Sensações boas ou ruins? Algum som conhecido? Alguém imaginou algum lugar ou momento específico da vida?

A18 – Eu percebi que tinha passarinho e água.

A20 – O som da flauta é muito lindo.

A3 – Me senti numa floresta.

A15 – Parecia que *tava* vendo as árvores e os passarinhos.

A19 – Tem música que faz a gente viajar.

A9 – Eu quase dormi.



Figura 15 – Resultado final das pinturas em tela de algodão.

Fonte: arquivo da pesquisa.

O resultado final trouxe grande contentamento. Os próprios alunos estavam surpresos com as produções realizadas:

P – O que vocês acham das vivências artísticas que experimentamos neste período?

A2 – Uma sensação diferente. Parece que a gente está mais confiante.

A13 – No começo eu achei que a gente ia ficar perdendo tempo com coisas sem importância. Mas isso me fez tão bem que eu já ficava chateado quando tinha que faltar. Ficava torcendo pra não ter aula de artes nesses dias.

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fQvwNbj1hiI>. Último acesso em: 10 ago. 2020.

Discussão dos resultados

As discussões sobre a utilidade da arte e suas diferentes manifestações foram recorrentes em vários encontros, e a professora realizou uma pesquisa de opinião sobre os encontros com a arte (quadro 2).

<p>1. QUE FORMAS DE MANIFESTAÇÃO DE ARTE VOCÊ TEM ACESSO?</p> <p>() NOVELA () SHOW () CINEMA () EXPOSIÇÃO DE PINTURAS () POESIA () CIRCO () TEATRO () EXPOSIÇÃO DE ESCULTURAS () MÚSICA () OUTRAS _____</p> <p>2. DAS QUE VOCÊ TEM ACESSO, QUAL VOCÊ MAIS GOSTA?</p> <p>_____</p> <p>3. DAS ATIVIDADES QUE FAZEMOS NA ESCOLA, QUAL VOCÊ MAIS GOSTA?</p> <p>() FILMES () POESIAS () MÚSICAS () PINTURAS</p> <p>4. VOCÊ ACHA IMPORTANTE TER AULAS DE ARTES NA ESCOLA? _____ POR QUÊ? _____</p>
--

Quadro 2 – Pesquisa de opinião sobre os encontros com a arte.
Fonte: arquivo da pesquisa.

Buscava-se saber se estas práticas contribuíram com o processo de aprendizagem e de interação dos alunos, se eles conseguiriam expressar suas reflexões e opiniões acerca das vivências realizadas e se o que foi vivido havia despertado o olhar para a arte enquanto manifestação cultural disponível nos espaços sociais.

Participaram da pesquisa 15 alunos, e todos responderam positivamente sobre a importância de ter aulas de artes na escola. Sobre as manifestações de artes que são mais conhecidas (tabela 1), a novela teve a maioria dos votos. No momento da resposta um aluno declarou: “*Só posso dizer que gosto ou não sobre o que eu conheço, e dessas, as únicas que eu conheço são a novela e a música*”, o que justifica ser a novela a modalidade que os alunos mais apreciam. Verdadeiramente, está posto que a falta de acesso aos bens culturais e as diferentes expressões artísticas é muito relevante.

Tabela 1 – Ocorrência de respostas (as manifestações artísticas mais conhecidas)

	Quanto ao acesso	O que mais gostam
Novela	15	9
Poesia	10	-

Música	15	3
Show	3	1
Circo	5	1
Cinema	4	3
Teatro	-	-
Exposição em museus	1	-

Fonte: arquivo da pesquisa.

Em relação ao que a escola oferece aos alunos (tabela 2), a maioria assinalou a pintura como a atividade de maior interesse, evidenciando que as atividades realizadas nos encontros com a arte foram prazerosas.

Tabela 2 – Ocorrência de respostas (atividade de maior interesse oferecida na escola)

Filmes	Poesias	Músicas	Pinturas
3	1	3	8

Fonte: arquivo da pesquisa.

As respostas sobre a razão para ter aulas de arte na escola relacionam aspectos de bem-estar e maior disposição para novas aprendizagens, assim como remetem a situações de inclusão social (quadro 04).

A1	É bom para aprender.
A3	Parece terapia, a gente fica mais leve.
A4	Importante para nós pensarmos melhor e termos mais ideias.
A5	Melhora a mente e desenvolve o estudo.
A6 e A9	Abre a mente e ajuda a aprender as coisas.
A10	Faz a gente ficar mais feliz.
A12	Faz muito feliz.
A13	Importante para aprender, melhora a memória.
A14	Dá vontade na gente de ir ao cinema, museu, essas coisas.

A15	Mexe com a nossa mente.
A16	Para deixar mais calmo.
A17	Ajuda a desenvolver nosso estudo, isso é muito bom para nós.
A19	Faz a gente lembrar que também tem direito de conhecer as coisas.
A20	Melhora a cabeça.

Quadro 04 – Razões para ter aulas de artes na escola.

Fonte: Arquivo da pesquisa.

Depois da realização de alguns encontros com a arte era perceptível como as produções dos alunos apresentavam crescente desenvolvimento em suas formas e diversidade de cores. Era marcante a evolução no traço, na expressão e na percepção de cores e formas.

A12 – Professora, quando eu cheguei aqui minha mão era dura, eu achava que não ia conseguir escrever. Agora eu já escrevo o meu nome e sinto que minha mão está mais leve. Já posso aprender a escrever de verdade.

A5 – Essas aulas de artes são uma terapia, a gente fica até mais tranquilo.

A17 – Eu nunca pensei que pudesse desenhar e pintar. Eu até tô gostando do que estou fazendo aqui.

Foi notório o crescente envolvimento dos alunos nas atividades artísticas, o que pode explicar o desenvolvimento tão rápido das produções. Os alunos foram percebendo que os encontros com a arte proporcionavam prazer e aguçavam sua intuição na busca pelo conhecimento. “No momento que nos expressamos, possibilitamos transformações no nosso campo emocional, perceptivo e sensório-motor, que está ligado ao nosso canal criativo” (SME-RJ, 2007, p.21).

Aprender arte é desenvolver progressivamente um percurso de criação pessoal cultivado, ou seja, alimentado pelas interações significativas que o aluno realiza com aqueles que trazem informações pertinentes para o processo de aprendizagem (outros alunos, professores, artistas, especialistas), com fontes de informação (obras, trabalhos dos colegas, acervos, reproduções, mostras, apresentações) e com o seu próprio percurso de criador. (PCN – Arte, 1997).

São inegáveis os avanços na participação dos alunos e em sua autoconfiança, como se os processos produtivos tivessem acordado cada um deles para uma potencialidade que eles próprios desconheciam. Considerando que a turma pesquisada tem como objetivo principal a aquisição da leitura e da escrita, as vivências artísticas (do conhecer e do fazer) colaboraram sobremaneira com a ampliação da leitura de mundo, como etapa primordial para a realização da alfabetização, enquanto domínio do ler e do escrever. E não menos expressiva, foi a contribuição dos encontros com a arte nos domínios do conhecimento científico. A elaboração do sentir/perceber, olhar/ver, pensar/dizer sua palavra, são contributos para a recepção de novos processos reflexivos e a incorporação de novos saberes, que se estabelecem pelos significados que produzem nos sujeitos. “É preciso beber na arte e na ciência para aprender a estranhar o habitual, para enxergar, no óbvio, o inusitado” (LOPES, 2004, p. 249).

As atividades pedagógicas apresentadas neste estudo auxiliaram na desmistificação da arte e do conhecimento estético, que em geral é tido como algo que apenas uma minoria tem acesso. As propostas criaram encorajamento nos alunos ao observar que seus trajetos produtivos apresentam

semelhanças entre si, ao passo que revelam também escolhas de percursos originais que estruturam sua identidade, rompendo com atitudes preconcebidas e fortalecendo sua autoestima. Barbosa (2002) afirma que:

A arte na educação como expressão pessoal e como cultura é um importante instrumento para identificação cultural e o desenvolvimento individual. Por meio da Arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo ao indivíduo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada (BARBOSA, 2002, p.18).

Assim, o processo artístico na classe de EJA auxiliou os sujeitos envolvidos em sua identificação cultural e pessoal, e ampliou suas percepções sobre si mesmo, enquanto indivíduo dotado de imaginação, criatividade e capacidade de observar, contemplar e atuar no ambiente em que está inserido. As múltiplas atividades desenvolvidas puderam estimular um ensino voltado para a formação cidadã, com novas relações possíveis com o conhecimento de cada aluno, o que permitiu dar sentido e unificação à diversidade das suas representações e experiências com o mundo.

Podemos afirmar que os alunos vivenciaram experiências estéticas que acionaram recursos cognitivos e afetivos envolvidos no ato de aprender. Estas experiências mobilizaram as memórias afetivas, a capacidade criativa, as habilidades de expressão e a sensibilidade dos alunos. Barbieri (2012) assegura que as experiências estéticas nos remetem a momentos distintos de nossa vida e interferem em nossa percepção do mundo e de nós mesmos.

Todos nós temos experiências estéticas desde que nascemos, porque elas se relacionam com a estrutura que vai se criando, tanto em nosso pensamento como em nossa percepção. Fazem parte da experiência estética: cheiros, gostos, sons, temperaturas, texturas, imagens (BARBIERI, 2012, p. 37).

Outro aspecto em destaque é o acesso às informações sobre a vida do artista que a obra estava disposta para observação. Conhecer o universo do autor da obra implica em uma compreensão de que o conhecimento artístico é um construto humano, está vinculado à história das sociedades e que compõe seu patrimônio cultural, auxiliando na valorização de sua própria cultura como bem comum. É ainda, a compreensão da arte como área do conhecimento e atividade profissional.

Ao possibilitar aos alunos o contato com diferentes expressões artísticas, de diferentes lugares, épocas e culturas tonificou-se a aquisição de conhecimentos que permitiram observar, refletir, diferenciar e questionar sobre o(os) sentido(s) da arte, assim como melhor perceber as relações na realidade de mundo em que convive. Compartilhar as diferentes percepções da experiência humana, através da quimera de outras pessoas, de outro tempo e lugar, sem que nunca estes atributos tenham feito parte de suas experiências anteriores, pode ser revelador de novas emoções e percepções.

As atividades realizadas proporcionaram o desenvolvimento de diferentes habilidades (observação e leitura de imagens; oralidade e argumentação, ampliação das habilidades linguísticas; criatividade; transposição de saberes, desenvolvimento motor da musculatura fina, mobilização da percepção auditiva e visual...). O trabalho revelou a inegável percepção das artes como uma atividade polivalente, que inclui, desperta interesse, promove bem-estar e ativa as habilidades cognitivas. Alguns diálogos trouxeram debates sobre a questão da preservação da água como uma luta de todos. Em todos os níveis de ensino, em todas as idades, estudar sobre a água, buscar informações, discutir sobre hábitos do cotidiano são ações que colaboram com a formação de uma consciência coletiva necessária para mudar o ritmo acelerado em que a degradação vem ocorrendo. Evitar o desperdício é uma das ações necessárias, mas também, compreender que a falta de

saneamento básico, a falta de tratamento do esgoto, o despejo inadequado do lixo e a contaminação realizada por indústrias, são fatores de grande relevância neste processo.

Ao final do período letivo de 2019 foi realizado um evento com os alunos da turma e suas famílias, a fim de compartilhar as vivências e fazer uma exposição com as produções artísticas (figuras 16 e 17), criando novas perspectivas para os alunos. Observar com distanciamento, apresentar para sua família e estabelecer inferências com as produções dos colegas foram momentos potentes para o desenvolvimento de sua autoestima e vínculos afetivos com o ato de criação. Barbieri (2012, p. 58) comenta que “a exposição é um momento de trocas, que apresenta outra forma de comunicação para a comunidade expressiva da escola”.



Figura 16 – Exposição de pinturas em isopor.
Fonte: Arquivo da pesquisa.



Figura 17 – Exposição de pinturas em telas de algodão e cerâmica.
Fonte: Arquivo da pesquisa.

Os alunos apresentaram uma cantata de Natal e compartilharam com amigos e familiares a caminhada realizada durante todo o ano. Momento ímpar de consolidação do prazer em estar de volta à escola, aprendendo, convivendo e ampliando seu espaço de atuação social. Durante todo o período letivo os alunos compartilham suas histórias e memórias com os professores e colegas de classe. Estes eventos são oportunidades valiosas de compartilhar com suas famílias e amigos o que vivenciam na escola, seus percursos formativos, suas produções, e saberes construídos. Nestas ocasiões são renovados os sentidos de estar na escola, fazer parte e orgulhar-se de sua trajetória.

Tendo-se o aporte trazido por Cachapuz (2014), verificou-se que a possibilidade da interação entre Arte e Ciência com o uso de pinturas, músicas, filmes, permite o desenvolvimento da sensibilidade, “[...] fugindo dos limites da racionalidade positivista da Ciência” (CACHAPUZ, 2014, p. 102). A prevalência na utilização de recursos audiovisuais favoreceu a materialização do que era apresentado aos alunos, aproximando os temas abordados de seu campo perceptivo. Os vídeos trouxeram informações, imagens, sons que auxiliaram na construção conceitual, ampliando a percepção dos alunos e alimentando as discussões que impulsionaram a relação dialógica e a interação na sala de aula. O uso dos recursos midiáticos levou os alunos para os espaços fora da sala de aula, despertando a curiosidade e o desejo de conhecer. Os textos informativos e literários complementaram as informações e vice-versa. As estratégias e recursos variados foram utilizados em favor da aprendizagem, favorecendo a cada um de acordo com sua sensibilidade para ouvir, ver, perceber, fazer, dizer ou sentir.

Na perspectiva de contribuir com a formação continuada de professores e a dinamização das aulas de ciências em uma perspectiva interdisciplinar, nas classes de Educação de Jovens e Adultos, a culminância da pesquisa de mestrado profissional, apresentada em recorte neste artigo, trouxe a elaboração de um produto educacional que servisse como facilitador deste processo. Trata-se do livro “Ciências para EJA – Propostas e desafios”⁷, que tem a intenção de trazer a possibilidade de reflexão sobre o ensino de ciências na EJA e a relevância da abordagem de QSC como elementos articuladores do processo de aprendizagem para além dos conteúdos escolares. O livro apresenta alguns projetos desenvolvidos com uma classe de EJA envolvendo a dinamização de atividades com temáticas sociocientíficas e artes, e sugestões de livros, textos literários, vídeos e filmes que possam favorecer a aproximação dos temas e a articulação interdisciplinar do conhecimento.

Considerações finais

A arte no percurso formativo da EJA contribui para o despertar da sensibilização do processo artístico, colocando-o na dimensão de construção humana, cultural e social. A abordagem denominada proposta triangular (de Ana Mae Barbosa, década de 1980), que observa a tríade – o fazer artístico, a leitura da obra de arte e a contextualização, contribuiu para a formação crítica dos alunos, abarcando a discussão sobre o acesso a arte, a percepção das diferentes linguagens artísticas, a apreciação estética e as relações estabelecidas entre a arte, o tempo histórico, a cultura e as diferentes áreas do conhecimento. Os encontros com a arte, como foram denominados no percurso da pesquisa, assumiram nitidamente o compromisso ético e estético de transformação do olhar, do perceber e do sentir dos atores envolvidos – alunos e pesquisadora/professora.

O estudo apresentou o espaço escolar como uma forma de pavimentar um caminho de humanização, trazendo como proposta a concepção de uma cidadania mais proativa, onde é preciso que o indivíduo consiga saber-se pertencente a um espaço social, com deveres, mas também com direitos. Direito à educação e à arte. As atividades propostas aos alunos promoveram a troca de saberes e o questionamento dos espaços de poder. Alguns vocábulos/conceitos estiveram sutilmente presentes, como: transgredir, subverter, resistir, resgatar discursos silenciados, elevar padrões de autoestima e crença nas potencialidades individuais e coletivas.

Em uma classe de alfabetização com tamanha diversidade (idade, gênero, cultura e processos cognitivos distintos), os procedimentos de aquisição de leitura e escrita se realizaram pela leitura e escrita de textos de variados suportes, em situações inusitadas de ler e escrever, promovendo a leitura do mundo, do espaço social e ambiental. Um campo fértil para a realização de um processo de construção e uso da linguagem oral e escrita na plenitude de sua função social – comunicar ideias, pensamentos, emoções; participar do mundo. O estudo apresentou uma prática

⁷ Disponível no porta do eduCAPES: [Portal eduCapes: Ciências para EJA – Propostas e desafios](#). Último acesso em: 10 nov. 2021.

pedagógica alfabetizadora que se serviu de multiletramentos⁸ ou letramentos múltiplos⁹ e simultâneos, articulando recursos variados para ler e propostas comunicativas para escrever. Tal conceito insere-se na proposta de trabalho com a EJA que prevê a ruptura com a educação bancária, denunciada por Freire (2005), e propõe a ressignificação da leitura e da escrita como ferramentas potencializadoras para a participação social.

As atividades desenvolvidas nesse recorte da pesquisa de mestrado mostraram como são importantes as iniciativas pedagógicas que promovam interconexões com QSC e com as artes. Com isso, pode-se ter um ensino mais contextualizado, com possibilidades para que os estudantes estabeleçam vinculações nos diversos campos do conhecimento. Este estudo assumiu a concepção da arte como linguagem, um construto especificamente humano, para utilização de intrincados sistemas de comunicação de ideias, pensamentos e emoções. Uma linguagem para ler o mundo com outros olhos, ressignificá-lo pela criatividade, expressar o que se percebe sobre esse mundo e transformá-lo em mundo melhor pela imaginação e recriação. Assim, buscou-se nutrir com a arte, a vida dos sujeitos parceiros neste percurso – alunos e professora-pesquisadora.

Referências

ALVARES, S. (2010). *Educação estética para jovens e adultos: a beleza no ensinar e no aprender*. São Paulo: Cortez.

ARAÚJO-JORGE, T. (2014). *Relações entre ciência, arte e educação: relevância e inovação*. Agência Fiocruz de Notícias. Disponível em: <<https://www.bio.fiocruz.br/index.php/artigos/338-relacoes-entre-ciencia-arte-e-educacao-relevancia-e-inovacao>>. Acesso em: 12 set. 2020.

_____. (2004). *Ciência e arte: caminhos para inovação e criatividade*. In: _____ (Org.). *Ciência e Arte – encontros e sintonias*. Rio de Janeiro: Senac Rio.

ARROYO, M. (2017). *Passageiros da noite: do trabalho para a EJA – itinerários pelo direito a uma vida justa*. Petrópolis, RJ: Vozes.

BARBIERI, S. (2012). *Interações: onde está a arte na infância?* São Paulo: Blucher.

BARBOSA, A. M. (Org.) (2002). *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. São Paulo: Cortez.

BRASIL. (2010). Parecer CNE/CEB nº 6. Brasília: MEC.

_____. (1997). *Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF.

_____. (2010). *Arte na Educação de Jovens e Adultos*. Brasília: MEC.

BRANDÃO, C. R. (1987). A participação da pesquisa no trabalho popular. In, BRANDÃO, C. R. (Org.). *Repensando a pesquisa participante*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, p. 221-252.

⁸ Termo cunhado por Roxane Rojo e Eduardo Moura no livro *Multiletramentos na escola*. “Trabalhar com multiletramentos pode ou não envolver o uso de novas tecnologias de comunicação e de informação, mas caracteriza-se como um trabalho que parte das culturas de referência do alunado (popular, local, de massa) e de gêneros, mídias e linguagens por eles conhecidos, para buscar um enfoque crítico, pluralista, ético e democrático – que envolva agência – de textos/discursos que ampliem o repertório cultural, na direção de outros letramentos, valorizados ou desvalorizados” (2012, p. 8).

⁹ Termo cunhado por Roxane Rojo no livro *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. “Um conjunto muito diversificado de práticas sociais situadas que envolvem sistemas de signos, como a escrita ou outras modalidades de linguagem, para gerar sentido” (2009, p.10).

CACHAPUZ, A. (2014). Arte e Ciência no ensino das ciências. *Interacções*, n. 31, p. 95-106. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/6372/4941>. Acesso em: 12 set. 2020.

CACHAPUZ, A. (2020). Arte e ciência no ensino interdisciplinar das ciências. *Revista Internacional de Pesquisa em Didática das Ciências e Matemática*, [S. l.], v. 1, p. e020009. Disponível em:

<https://periodicoscientificos.itp.ifsp.edu.br/index.php/revin/article/view/89>. Acesso em: 27 dez. 2021.

CARVALHO, A. M. P. (2012). *Trabalhar com a formação de professores de ciências: uma experiência encantadora*. In: CARVALHO, A., CACHAPUZ, A., GIL-PÉREZ, D. O ensino das ciências como compromisso científico e social. São Paulo: Cortez Editora.

FREIRE, P. (2005). *Pedagogia do Oprimido*. 45. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

FREIRE, P. (2017). *Pedagogia da Autonomia*. 55ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

JOU, G. SPERB, T. (2006). *A Metacognição como Estratégia Reguladora da Aprendizagem*. In: Psicologia: Reflexão e Crítica, p. 177-185. Coimbra: UCP. Disponível em <http://www.scielo.br/prc>. Acesso em: 30 abr. 2020.

LOPES, T. (2004). *Luz, arte, ciência... ação!* In: ARAÚJO-JORGE, T (Org.). *Ciência e Arte – encontros e sintonias*. Rio de Janeiro: Senac Rio.

OLIVEIRA, D. A. A. S.; MESSEDER, J. C. (2018). Como a criança entende questões sociais: percepções por meio do desenho infantil. *Experiências em Ensino de Ciências*, v.13, nº 3. p. 48-67. Disponível em: [v13_n3_a2018.pdf\(ufmt.br\)](v13_n3_a2018.pdf(ufmt.br)). Acesso em: 12 set. 2020.

PÉREZ, L. M. (2012). *Questões sociocientíficas na prática docente – ideologia, autonomia e formação de professores*. São Paulo: UNESP.

PIETROCOLA, M. (2016). *Curiosidade e Imaginação – os caminhos do conhecimento nas Ciências, nas Artes e no Ensino*. In: CARVALHO, A. M. (Org.). *Ensino de Ciências – unindo a pesquisa e a prática*. São Paulo: Cengage Learning.

PRAIA, J. F. (2012). *Contributo para uma leitura possível de um percurso profissional*. In: CARVALHO, A., CACHAPUZ, A., GIL-PÉREZ, D. O ensino das ciências como compromisso científico e social. São Paulo: Cortez Editora.

RIBEIRO, C. (2003). *Metacognição: um Apoio ao Processo de Aprendizagem*. In: Psicologia, Reflexão e Crítica, pp. 109-116. Coimbra: UCP,. Disponível em <http://www.scielo.br/prc>. Acesso em: 30 abr 2019.

RIO DE JANEIRO. (2010). *Orientações Curriculares para a Educação de Jovens e Adultos*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Educação,.

_____. (2007). *Multieducação: Mídia e Educação*. 2ed. Secretaria Municipal de Educação: Rio de Janeiro.

_____. (2007). *Multieducação: Peja II – Linguagens artísticas*. Secretaria Municipal de Educação: Rio de Janeiro.

ROJO, R. (2009). *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial.

ROJO, R.; MOURA, E. (2012). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial.

TRIVELATO, S.; SILVA, R. (2017). *Ensino de Ciências. Coleção Ideias em Ação*. São Paulo: Cengage.

UNESCO. (2003). *A ciência para o século XXI: uma nova visão e uma base de ação*. Brasília: ABIPTI.

UTUARI, S. LUIZ, S. FERRARI, P. (2014). *Porta aberta: arte, 4º e 5º anos*. São Paulo: FTD.